“O carimbó não morreu. Está de volta outra vez: o ritmo amazônico e processos de mediação das narrativas sobre as matrizes culturais amazônicas paraenses”.

Juliana de Nazaré Alvares Brito
Joyce Priscila Ferreira da Silva
Keyla de Nazaré Gusmão Negrão
Estácio de Sá, FAP, Polo Belém, Pará

RESUMO EXPANDIDO

Resumo
Esse artigo pretende lançar pistas de análise de uma problemática cultural sobre o carimbó, ritmo amazônico paraense, a partir de uma plataforma de estratégias de narrativas de vários campos sociais que se apropriam do ritmo para comunicar sentidos de cultura num contexto de demarcação de políticas culturais na Amazônia.

Palavras-chave: Carimbó; Amazônia, Cultura; Mediação e Midiatização.

O carimbó não morreu,
está de volta outra vez
O carimbó nunca morre,
quem canta o carimbó sou eu.[7]

É considerado uma manifestação cultural tradicional paraense, o carimbó foi instituído enquanto patrimônio imaterial cultural brasileiro no ano de 2014, após iniciativa pública dos movimentos sociais e culturais com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Dentro desse ritmo é possível observar algumas características fundamentais, tais como o uso de instrumentos como: curimbó, banjo, milheiros, maracas, reco-reco, paus, triângulo, rufo e tambor de onça. Nas letras aspectos lúdicos são ressaltados, com assuntos do cotidiano dos ribeirinhos, exaltando ainda a fauna e a flora amazônicas. E entre um rodopio e outro da dança, ora se dança sozinho, ora se dança em par, sempre imitando as danças de roda, tradicional entre os povos indígenas. Já na batida das palmas das mãos vê-se resquícios das danças portuguesas. Enquanto o rebolado remete à sensualidade presente na dança de povos negros. Segundo definição do Iphan:

> historicamente, o carimbó se apresenta como uma manifestação cultural que congrega um conjunto de práticas sociais festivas seculares, mas também religiosas incorporadas no cotidiano das populações interioranas do Pará. Estas

[7] Trecho da música o carimbó não morreu, composta pelo Mestre Verequete – um dos principais nomes do carimbó.

> práticas estão dispostas em torno da elaboração musicada, cantada e dançada dos conjuntos de carimbó produzidas nos contextos de trabalho e lazer dos seus reprodutores. (Dossiê IPHAN, 2013: p.14)

Nosso objeto busca perceber, no processo de legitimação dessa manifestação no marco das políticas culturais brasileiras, as vozes que comunicam cultura e as problemáticas que motivam sobre a Amazônia Cultural. As políticas culturais aqui entendidas como esforços conjuntos de intervenção simbólica que tornassem o carimbó uma manifestação cultural brasileira, nos termos que García-Canclini define políticas culturais:

> Los estudios tienden a incluir hoje bajo este concepto al conjunto de intervenciones realizadas por el estado, las instituiciones civiles y los comunitários organizados a fin El desarrollo simbólico, satisfacer lãs necesidades culturales de La población y obtener consenso para um tipo de orden o transformación social. Pero esta manera de caracterizar el âmbito de lãs políticas culturales necesitam ampliada teniendo em cuenta El carácter transnecional de los procesos simbólicos y materiales em la actualidade. (GARCÍA-CANCLINI, 2005: p.78)

É objetivo de nossa contribuição, então, observar e propor uma mirada sobre as várias formas de intervenção simbólica, comunicacional – *mediações* - que concorreram para que o carimbó conquistasse esse título de manifestação nacional, no marco das políticas de cultura. Nossa intenção é propor um olhar para comunicação dos sentimentos latentes – vibrantes e mornos- das matrizes periféricas que originaram o carimbó e se estenderam pelas terras da faixa norte do Pará, que expressam as lutas de uma parte insular do Brasil: a Amazônia.

Albino Rubim (2012) faz um mapeamento dessas políticas, desde a década de 30 até os anos 90 do século passado. Destaca que nos registros das ações andradianas na década de 30 já se via sinalizações dos ritmos da Amazônia como um "sintoma" de manifestações culturais vibrantes e jamais registradas, narradas, das regiões Nordeste e Amazônia:

> (...) patrocinar duas missões etnográficas às regiões amazônica e nordestina para pesquisar suas populações deslocadas do eixo dinâmico do país e de sua jurisdição administrativa, mas possuidoras de significados, acervos culturais, modos de vida, e de produção, valores sociais, histórias, religiões, lendas, mitos, narrativas, literaturas, músicas, danças, etc. (RUBIM, 2012: p.15)

Que vozes movimentam o carimbó

Durante esse processo – desde a concepção até a intensificação da campanha de incentivo na transformação do carimbó como patrimônio imaterial cultural – houve um interesse massivo dos veículos de comunicação em toda a capital paraense, bem como a sociedade em geral: "dentro desse processo você tem uma efervescência, porque tem a sua notoriedade principalmente na mídia, mas também se passou a ver programas de governo, que facilitaram o deslocamento dos grupos de carimbó", afirma Edgar Chagas[8], coordenador técnico da pesquisa que passou por 39 municípios no Pará, mapeando os mais diversos núcleos da manifestação do carimbó.

García-Canclini em "Culturas Híbridas" (2003) cita a obra magna de Martín-Barbero "Dos às Mediações" (2009), lembrando que aquele autor afirma como os processos e dinâmicas de legitimação da cultura envolvem várias interações, inclusive das comunicações e tecnologias:

> Martín-Barbero chega a dizer que os projetos nacionais se consolidaram graças ao encontro dos estados com as massas promovidos pelas tecnologias da comunicacionais. Se fazer um país não é apenas conseguir que o que se produz numa região chegue a outra sequer um projeto político cultural unificado, um consumo simbólico compartilhado que favoreça o desenvolvimento do mercado, a integração propiciada pelos meios de comunicação não contribui casualmente com os populismos nacionalistas. Para que cada país deixe de ser um país em países foi decisivo que o rádio retomasse de forma solidária as culturas orais de diversas regiões e incorporasse as vulgaridades proliferantes nos centros urbanos. Como o cinema e como em parte a televisão fez em seguida e traduziu-se a ideia de nação em sentimento de cotidianidade. (GARCÍA-CANCLINI, 1998: p.256)

Em relação ao carimbó, nossa questão toca esse problema da articulação que as mídias fazem com vários *campos sociais* nesse contexto de reconhecimento do ritmo como patrimônio imaterial cultural brasileiro. Algo que parece estranho, estrangeiro ao resto do Brasil, passa estar na pauta das políticas nacionais e motiva a efervescência de um tema e um sentimento que é latente, cotidiano na região, como afirma Luís Arnaldo Campos, cineasta e documentarista, autor do curta metragem Chama Verequete[9]:

> O título de certa forma ajudou, ele fortalece o reconhecimento por parte daquela população que é, digamos que originária ou população que deveria se apropriar desse patrimônio, às vezes deixa passar batido, e quando essa

[2] Atualmente Edgar é professor universitário da Universidade da Amazônia, licenciado em Geografia e doutor em antropologia e sociologia pela Universidade Federal do Pará.

[3] Chama Verequete é um documentário poético sobre o vodun da música paraense, Mestre Verequete. Chama Verequete é um filme conduzido pelas histórias e canções do Mestre, intercalado por invenções ficcionais que documentam a luta do carimbó contra o preconceito e a discriminação, até a sua vitória final, com o reconhecimento público de sua condição de ritmo raiz do Pará.

> comunidade assume, reconhece, se orgulha, isso fortalece a manifestação cultural. (CAMPOS: Entrevista em 22/09/2016)

Essa pauta do carimbó ganhava destaque não só nos veículos de comunicação locais, mas também na agenda política, como afirma a vereadora autora do projeto de Lei municipal do carimbó:

> Quando estive no senado, em 2011, acompanhei de perto o trabalho que o Iphan estava fazendo desde meados de 2008 para que o carimbó (e os bens culturais a ele associados) fosse reconhecido como patrimônio imaterial nacional. Isso hoje é uma realidade. Mas, o que me chamou a atenção foi a relação do conjunto desses bens que estão presentes nas práticas de lazer, religiosidade, manifestações artísticas, brincadeiras, festas comunitárias e familiares paraenses que envolvem, delimitam e estabelecem relações complexas são o que entendemos por carimbó. Lembro, que nos 11 meses que estive no senado federal, não houve uma atuação organizada do campo político do nosso estado formado por 17 deputados federais e 3 senadores. (BRITO RODRIGUES. Entrevista em 22/09/2016)

Quando as mídias ocupam a roda?

Após a mobilização para o título, porém, fomentou-se uma discussão sobre a fragilidade do carimbó enquanto pauta social contínua. Esperança Bessa – Editora-Chefe do caderno Cultura do Jornal Diário do Pará[10], em entrevista no dia 21 de setembro de 2016 fala sobre essa regularidade do tema:

> Uma matéria de jornal ela não sobrevive se não tiver alguns elementos, e um deles é o critério da factualidade e da organização, ter porta-vozes que falem sobre isso. Não adianta eu querer fazer uma matéria sobre o carimbó e não saber por onde começar, qual é o gancho, qual é o sentido. Eu preciso que este movimento esteja organizado. E o carimbó sempre rende por mais que os grupos não sejam organizados, mas a maioria das pautas que emplacam é sobre divulgação (...) os movimentos têm uma organização para fazer eventos e shows. E isso é sempre uma dualidade, eles reclamam que não têm uma visibilidade ao mesmo tempo em que não têm organização; não se tem uma assessoria de imprensa, um canal aberto com a imprensa. (BESSA. Entrevista em 21/09/2016)

Desta forma, chegamos ao nosso problema, quando nos dispomos a observar e investigar como as mídias se tornaram uma instância de mediação das culturas que se deslocam do eixo central do país, e como dessa Amazônia periférica se constrói a ideia e noção de uma cultura local e popular midiatizada. Como se sustenta a ideia de uma manifestação cultural, a partir de debates locais midiatizados, de pautas organizadas por entes sociais que protagonizaram a luta pelo título dado ao carimbó em 2014. Desejamos pensar a sociedade amazônica, a partir dessa problemática cultural e suas interações midiáticas no interior desse debate, e sobretudo, perceber isso como uma estrutura, uma narrativa de poder encampada por diversos campos. Que sentidos articulam a experiência

[4] Jornal local que traz notícias de todo o estado do Pará.

cotidiana do fenômeno do carimbó nesse contexto do movimento pela aquisição do título de patrimônio nacional?

Como afirma Adriano Duarte Rodrigues (1990), a narrativa que se tem sobre os objetos orienta instâncias de legitimação de determinados fenômenos e suas relações com os campos da experiência entre si. Isso, talvez, minimize o risco de adensarmos mais a cultura que a experiência comunicacional, como nos ajuda a elaborar esse percurso Adriano Duarte Rodrigues afirma:

> (...) o objetivo dos estudos de comunicação consiste na averiguação da especificidade da comunicação entre esses mundos que se ignoram e que, no entanto, de certa maneira à distância estão em constante relação e se acenam em permanência, tanto nas relações com o mundo natural, como nas relações intra-subjetivas e intersubjetivas e nas relações sociais. (DUARTE RODRIGUES, 1992: p.102)

De modo que, objetivamos entender esse fenômeno cultural, nos ancorando no problema comunicacional, quando desejamos entender esse fenômeno nas suas ordens de relações de comunicação entre vários campos. Efetivamente, desejamos pensar em resultados de um mapa que aponte consensos e contradições tal como é a dinâmica da própria da cultura e da comunicação.

Referências

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa Cintrão e Ana Lessa. São Paulo: EdUSP, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia.** Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura: A experiência cultural na era da informação.** Lisboa: Editorial presença, 1993.

_____. . **Estratégias da comunicação: Questão comunicacional e formas de sociabilidade.** Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ALBINO RUBIM E ALEXANDRE BARBALHO (orgs). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador/ BA: Coleção Cult Edufba, 2012.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. **Dossiê IPHAN {Carimbó}**. Belém – Pará, 2013.

Entrevistas:

BESSA, Esperança. Entrevista em 21/09/2016. Belém-PA

CAMPOS, Arnaldo. Entrevista em 22/09/2016. Belém-PA

BRITO RODRIGUES, Marinor. Entrevista em 22/09/2016. Belém-PA

CHAGAS, Edgar. Entrevista em 26/09/2016. Belém-PA